N.º 1 (123)—3.º ANNO

Terça-feira, 1 de Novembro de 1910

PREÇO 20 RS.

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

CARICATURISTA
SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Composto e impresso na A EDITORA—L. do conde Barão, 50

SUCCESSOR DO JORNAL O XUÃO

Redacção e administração, T. da Espera, 53, 1.º—LISBOA

O' pequeno não chores, adhere

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Anno........................ 1$000
Semestre........................ 500
Trimestre........................ 300

A cobrança feita pelo correio custa mais 100 réis.

Assignatura extraordinaria sómente em Lisboa, 20 réis, pagos no acto da entrega.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á administração

T. da Espera, 53, 1.°, E.

LISBOA

AO PUBLICO

Reapparece hoje o XUÃO, chrismado com o nome de ZÉ. A monarchia desappareceu com os seus acolytos e mal pareceria conservar-se o nome do dictador a um semanario republicano. Uma explicação nos compete dar aos nossos leitores. O XUÃO interrompeu a sua publicação periodica porque a isso foi forçado pelos inclitos defensores do regime monarchico. As querelias choviam sobre o nossc jornal, que foi perseguido sem dó nem piedade. Esta situação tornava-se impossivel e por isso tivemos de suspender. Agora outro gallo nos cantará. Póde-se brincar á vontade, chamar thalassa ao sr. Antonio José d'Almeida e jesuita ao tio Bernardino, que elles não se ralam nada com isso e até nos acham gracinha.

O Correia Leal foi um ar que lhe deu e portanto toca a brincar demais a mais com o augmento de formato, que é uma belleza de hortaliça!

—Suba o panno!

Cá 'stá o Zé!...

Pequenino, roliço, vermelhinho como um tomate, com o sangue na guelra, mais bregeiro que o Cupido de que nos falla a mythologia elle aqui está em pessoa, com o corpinho que Deus lhe deu, para rir, para brincar, para fazer troçar dos *podres* d'esta sociedade e gosar os prazeres d'esta vida, porque para tristezas bem bastam aquellas que a rica monarchia das entranhas do Padre Mattos me metteu no corpinho.

Eu afinal de contas era uma besta de carga, que até fazia dó d'alma ver-me. Eram decimas, impostos, multas e eu aguentava todas estas reverendissimas poucas-vergonhas de carinha n'agua, a metter o dedo no nariz e a fazer bolinhos, de olhos esbugalhados a olhar para aquillo tudo e... nada de novo.

Deitava-me nos bancos da Avenida, ia vêr as procissões, lançava foguetes de tres respostas, comprava mangericos na Praça da Figueira pelo Santo Antonio e S. João, parava se via um cão a fazer *chi-chi* e não me ralava porque não queria.

Pandega e copos de vinho nas hortas era o meu grande ideal. Para os *vivas* mettia no fundo d'uma agulha, o Costa Pinto, que Deus Nosso Senhor, lá tenha em descanço.

Começaram, porém, a dar-me tapona, a arregalar-me os olhos cheios de ramella, a offerecerem-me *cinturão-electrico* de conferencias e comicios e fui-me entesando como um homemzinho que sou. Deixei-me de procissões e de novenas, fui ouvir a oratoria dos republicanos e ouvi fallar sem saber bem o que era de *republica*, de *liberdade*, de *livre-pensamento* e mais coisas estramboticas, que até pareciam escriptas em *bunda*.

Eu imaginava que *liberdade* era cada um em sua casa, com sua mulher e filhos; que *republica* era uma zaragata onde ninguem se entendia, e que *livre pensamento* eram heresias que o demonio inspirava aos malditos dos atheus.

Fui, porem, lendo por cima os *prioli-cos*, que vinham a embrulhar o bacalhau e as batatas, que comprava a credito na mercearia, soletrava aquelles artigos de fundo e de entrada, punha-me a fazer barraquinha na cama e passava a noite a pensar n'aquellas doutrinas, que me enthusiasmavam mais que os livrecos da doutrina christã que a minha avó me mettia nos fundilhos das calças, para me protegerem das tentações do Demonio. Mais tarde ja estava um *sabio*, fui aprendendo sempre e ha pouco tempo arregaçava as mangas da esburacada camisa e levantava ao collo o meu rico Affonsinho Costa, dava beijinhos na respeitavel careca do *tio* Bernardino e fazia *bichinha-gata* ao querido Antonio *Zé* d'Almeida, que para me ser agradavel até usa o meu nome de baptismo.

Em 4 de Outubro levantei a *grimpa* e como nunca perdi a mania do *vivorio* desatei a gritar *Viva a Revolução* e fui para a Rotunda fazer *pum-pum* aos que defendiam os *thalassas* que me roubavam as tristes *pinguinhas* dos meus exiguos salarios.

Fui um valente, fui um heroe, fui um homemzinho ás direitas, salva a modestia, que foi para a carroça do lixo com o rei, com a rainha e com o raio que os parta a elles.

Vi-me livre d'aquelles malditos camapheus e não quiz crêr.

O tempo da zaragata passou e eis-me aqui lavadinho de novo, com as orelhas lavadas, sem cheirar dos pés, com um grande botão verde e encarnado no casaco, com chapeu á republicana, com alfinete á democrata, com ceroulas á liberal e botas á livre-pensador. Não sei porquê, já não tenho tanto azar aos macacos sem rabo, que deram ao *dito*, quando me viram de espingarda nas unhas a fazer alvo dos seus alambazados *coirões*.

Quero rir, quero pular, quero dar muitos vivas, muitos beijos, muitos abraços, muitos apertos de *mões* e divertir os *caras direitas* que esportulem o vintemzinho com a compra cá da gazeta.

Serei muito mais reinadio que o papá *Xuão* — que por nome não perca — e piscarei os olhos de vez em quando ás gentis leitoras dizendo-lhe uma bregeirice, sem as fazer corar.

Querem um *gajo* mais pequeno e mais bregeiro?

Agora vou para casa fazer um projecto para uma bandeira, inventar um hymno muito catita e enviar dez alvitres para o *Seculo* e para o *Mundo*.

Adeus meu leitor até para a semana.
Tornas a comprar-me ó sympathico?
A minha casa é na Travessa da Espera mas não tem taboinhas á janella. Aqui ao pé fica um *Illustrado* qualquer que era orgão do João Franco, esse ..
Ai! Ai! que picadas na barriga!
Até já, porque vae fazer uma coisa que ninguem faz por elle

O Zé.

A gazetilha bregeira
No *Zé* mettendo o bedelho,
Pisca os olhos galhofeira
E n'um ar de brincadeira
Pede um barrete vermelho.

Com seu modo um pouco sério
Por ser madama de tino,
Dá *vivas* ao ministerio
E mostrando ter criterio
Ferra um beijo ao Bernardino.

Um hymno vae entoar
De que o nosso povo gosta,
Com o corpo a rebolar
Bella entrevista vae dar
Ao galante Affonso Costa.

Depois sahindo excitada
Sem fazer grande banzé,
A traquina, a descarada,
Recebe á noite na escada
O *bregeiro* Antonio Zé.

Mas aos *roupetas* tyrannos,
Que com seu *engenho* e *arte*
São novos republicanos,
—Ensabôa-lhe os tutanos
Manda-os logo áquella parte!...

PRESIDENTE.

Vade retro!

O bispo de Beja diz que para desagravo dos peccados dos republicanos dá todo o seu corpo se fôr preciso para salvação das almas e... consolação dos afflictos.

Não te chegues ó velhinho!

Ora o doutor...

Então o nosso dr. Affonso Costa não anda de noite pelos conventos a conquistar as freirinhas?!...

Marque dois tentos, seu brejeiro...

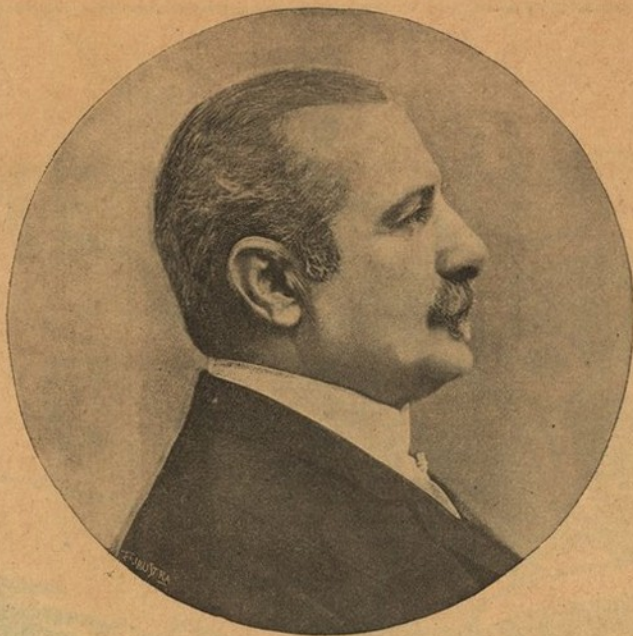
O que é a monarchia

Isto de monarchia é grande bôlo
Que dá para comer e repartir,
E' ter que respeitar um — que sahir
Nos póde um grande sabio ou grande tolo.

E' trabalhar de um rei para o consolo
Quando nos anda a fome perseguir;
E' soffrer sem tugir e sem mugir
Por vezes apanhando o seu carôlo.

Monarchia, leitor, sabe lá tu,
E' ter o dom de nos saltar ao pêllo
Emquanto não chegar o batecu.

Monarchia, afinal, é um marmello,
Um marmello que embucha... muito cru
E quem d'elle não goste ha de roê-lo!...

Ha por ahi ainda algum *thalassa* que não adherisse?

Dr. Miguel Bombarda

Uma columna triste num jornal alegre.

O nosso semanario tem o imperioso dever de prestar uma homenagem de respeito e admiração, um preito de tristeza e de saudade pelo Dr. Miguel Bombarda.

No momento historico em que se faziam os ultimos preparativos e os ultimos entendimentos para a Revolução derrubar para sempre a monarchia portuguêsa, que permanecia na maior corrupção e no maior descredito, cahia varado por quatro balas assassinas um dos maiores vultos da nossa terra, notavel pelo seu caracter impolluto, pela sua intelligencia superior, pela sua vontade inquebrantavel, pelo seu espirito avançado e liberal, pela sua organisação privilegiada, que o fazia resistir ao trabalho intenso da propaganda anti-clerical.

O Dr. Miguel Bombarda era uma figura de destaque n'este meio restricto e acanhado em que brotam *talentos* como cogumellos e são postos de remissa os verdadeiros homens de valor e de saber.

Psychiatra dos mais illustres em todo o mundo foi um notavel facultativo e a sua obra collossal affirmou sempre na cathedra ou no livro, na tribuna ou na conferencia, a alta valia do illustre professor, do sabio conferente, do nosso primeiro alienista, do homem de sciencia emfim. Por qualquer aspecto que se analyse essa obra colossal resulta sempre grande, não conseguindo apagar-se antes refulgindo com mais brilho e intensidade, quando se compara com a dos mais illustres sabios do extrangeiro.

Espirito modernamente orientado, livre de convenções e de preconceitos como não podia deixar de ser, o Dr. Miguel Bombarda era um acerrimo propagandista dos ideiaes sublimes do Livre-Pensamento. A actividade do Dr. Miguel Bombarda como apostolo das ideias anti-clericaes excedê tudc quanto se possa dizer. Ainda ha pouco tempo o illustre sabio vendo crescer assustadoramente a onda da reacção religiosa fundou a Liga Liberal, conseguindo fazer a maior manifestação anti-clerical que até hoje se realisou, em que mais de cem mil pessoas reclamaram do parlamento a revogação do decreto Hintze e a execução das leis de Pombal e de Joaquim Antonio de Aguiar. Era um tribuno de vastos recursos e a sua palavra quente, inflammada, suggestiva, aquecia as multidões, enthusiasmava-as, fazia-as vibrar!

O seu verbo eloquente era animado d'uma fé inquebrantavel e profundamente caracterisado por um cunho de franqueza e de sinceridade. Como politico não é menos notavel a sua acção.

O Dr. Miguel Bombarda mostrou sempre uma feição rasgadamente liberal e ainda sob a bandeira do regimen, fez conhecer as suas ideias avançadas e anti-clericaes. Ultimamente, desiludido, com a profunda convicção de que o regimen dos adeantamentos, da questão Hinton, das leis de excepção, do juizo de instrucção criminal e do Credito Predial, havia liquidado, pelo menos moralmente, deu a sua adhesão franca, aberta e leal á causa da Patria, declarando-se partidario dos fracos, dos perseguidos, da Republica n'uma palavra!

O povo, que estimava de ha muito grande livre pensador, começou adorando desde essa occasião um dos mais prestigiosos tribunos do partido republicano. Dando ingresso nas fileiras democraticas a sua energia e propaganda redobraram de intensidade.

O Dr. Miguel Bombarda juntamente com a gloriosa figura do almirante Candido dos Reis, de quem fallaremos mais de espaço n'um dos proximos numeros, foi um dos mais habeis organisadores da grande Revolução de 4 e 5 de Outubro.

A Republica Portuguêsa ficou devendo ao grande homem de sciencia o grande favor de a ajudar a implantar na nossa querida Patria e saldou em parte a sua divida para com elle e para com o almirante Candido dos Reis fazendo essa extraordinaria manifestação dos funeraes dos dois grandes revolucionarios!

Portugal perdeu em Miguel Bombarda um grande homem de sciencia, um notavel tribuno, um vibrante pamphletario e um intransigente Livre-Pensador!

Foi uma perda irreparavel!

ALBERTO BARBOSA.

N'um dos proximos numeros publicaremos o retrato e a biographia do grande revolucionario **Candido dos Reis.**

A um regime... cahido

Não te valeu regime dissoluto
A defeza de maus e de insensatos,
A prosa sem valor do padre Mattos,
E os *Petardos* vilões do Benebruto.

A tua *mancipal* no cocuruto
Do Carmo p'r'assustar os timoratos
E da policia os feros 'spalhafatos,
Não valeram a ponta d'um charuto.

Foste ao chão empurrado pelo povo
Ao raiar divinal d'um dia novo
De Progresso, de Luz, de Liberdade.

'stás perdido regime lazarento,
Leva a c'rôa e vae já p'ra um convento,
Deixa em paz para sempre a humanidade!

ORLANDO.

Coitado!

O Martins «Bandalho» tem de esportular a massinha ou vae parar tambem com os costados á Penitenciaria...

Coitadinho do pobre pequeno!

Foi-se a *liga do carapau* vulgo liga *monarchica.*

Os ligorios tambem adheriram á Ré!

Aquillo é que eram convicções!

Que sucia!

Abilio Guimarães

Ora venha de lá um chi-coração seu *cara-direita!*

Isso é que é talento do fino, do verdadeiro, e não de *pechisbeque* como d'esse que ahi apparece a cada canto.

Os *cabeçalhos* do *Zé* dão a mostrar que você tem cabeça!

O que é que o leitor quer mais do Abilio?

Veja lá é só pedir por bocca...

Elle tem de tudo como na botica.

Chorae, thalassas, chorae
Que o reisinho já morreu!...

GLOSA

De mala ás costas já vae
Quem não tinha a tal certeza,
Mostrae, pois, vossa tristeza,
Chorae, thalassas, chorae...
O exemplo teve do pae
E de olhar posto no ceu
Assim que apanhava um léo
Resava preces aos santos,
Deixae correr vossos prantos
Que o reisinho *já morreu!*

BOMBA.

No proximo numero

Sensacional entrevista com o bispo de Beja a proposito dos «consoladores» das irmãs da caridade. A vida dos conventos e os prazeres dos mundanos — Meninos feitos artificialmente—Impressões do «Francisquinho» e a philosophia do rev. Sebastião.

A
AURORA
DE
5 DE OUTUBRO
DE
1910
S. S

Antes de tudo venha de lá um aperto de mão leitor amigo, um abraço de felicitações pela *Ré*... e haja saude e fraternidade.

Agora sim, até já se respira melhor!

Já não ha aquelle fedor ao *Hoche*, ao Correia Leal, ao Rodrigues dos Santos e ao negregado *gabinete negro* que o diabo tenha em sua infernal guarda.

Onde a porca torce o rabo, ao que dizem as más linguas, é no facto do *macaco azul* andar prégando aos quatro ventos que o Manuelsinho volta para cá muito brevemente!

— O' filho, — sempre estás com uma pressa. . Parece que te mudas!

Ao mesmo tempo os jornaes reaccionarios lá de fóra noticiam grandes e *órriveis* crimes, pintando a revolução de côr mais negra que a cara da preta da fava rica que parece feita de páu santo.

Ainda assim como de entre mortos e feridos sempre ha de escapar algum, não se rale o leitor com as *farroncas* do macacal diplomata e viva a pandega!

Haja saude e progresso
Entre o bravo povo meu,
Porque ao velho retrocesso
Já foi um ar que lhe deu.

*

Andam para ahi escamados como baratas, certos pandegos por causa da suppressão dos dias santos e feriados.

Elle realmente foi *muito dentro* lá isso foi!

Só dias santos eram uns vinte e as grandes e pequenas galas andavam pelo mesmo ou mais.

Pelo menos havia quarenta dias de regabofe.

Tudo isso reduzido a cinco dias sequinhos é de arripiar os cabellos d'um careca.

Demais a mais este anno que temos o Natal e o Anno Bom ao Domingo!

O' cidadãos do governo provisorio, pelas suas ricas saudes, arranjem ahi meia duzia de dias de mandria supplementares.

O sr. Brito Camacho não ha de ser tão mausinho que se opponha.

Trabalhar toda a semana
Sem descançar um momento
N'uma labuta algo insana
Faz com que muito parrana
Apanhe algum 'sfalfamento.

*

A jesuitada brava expulsa de Portugal pelo pulso vigoroso do nosso querido dr. Affonso Costa queria ir anichar-se no Brazil.

A cousa não estava mal combinada, mas saiu-lhe o gado mosqueiro ao caminho e os brazileiros trataram de se defender da pestifera invasão.

Se lá apparece algum, atiram-lhe como a lobo porque para pragas já lá ha a febre amarella, o beri-beri e outras doenças epidemicas.

Safa!

Com uma *camada* de... jesuitas em cima a florescente republica sul-americana inha que fazer para se livrar de taes paasitas.

Vá de retro!

Não consinta essa cambada e se lá tem á alguns ponha-os no olho da... fron eira com dois pontapés no sitio proprio.

Ponha-se valente, á tesa
Que o jesuita cruel,
Flagello da natureza,
Não merece com franqueza
Nem guarida nem quartel.

*

Havia por ahi menino que abichava seis e sete empregos.

Era tal a sua actividade que até os continuos tinham de ajudal-os indo levar-lhes o ordenado a casa.

Aos domingos repimpavam se mulheres bonitas em ricos trens ahi pela Avenida fóra, ostentando brilhantes caros e vestidos da moda.

E o Zé que parava a vel-as com os olhos esbugalhados nem se lembrava que aquelle luxo lhe sahia todo das magras algibeiras!

Acabou-se a *chucha*.

Se o homensinho dos Beras cá apparecesse agora fazia bom negocio salvando «elegantes» cujas joias teem de ir parar ao prego mais dia menos dia.

Agora é trabalhar com vontade porque o tempo da mandria já lá vae.

Arranhem-se e chorem na cama que é parte quente. mas aguentem que é serviço.

Já lá vae a pagodeira
O tempo da rei... nação.
Isto vae d'outra maneira
E' preciso haver canceira
P'ra redimir a nação.

ORLANDO.

Era o castigo...

O que o «Xuão Franco» precisava era um «consolador» de freiras por um sitio arriba...

Pela certa...

Não tardam oito dias que o Zé Luciano não seja chamado tambem á Boa-Hora.

La vae a D. Emilia e o gato para o Limoeiro...

Granadas... a granel

I

Cruzes .. canhoto!...

Patife, indecentão, besta matreira...
Tu que fallas de cara arreganhada,
Não sejas chatarrão, alma damnada,
Não pregues ao pagode tanta asneira!

Evita esses sermões de chuchadeira,
Que fazem rir quem te ouve, á gargalhada!
Cala o bico, ladrão, não digas nada!
Não faças transtornar a mioleira!

Toda a gente conhece a tua treta,
E's um vil, um marmanjo, um malandrão
E's o puro pulhostre de roupeta!...

Do pobre peccador tem compaixão,
Mette a rolha na boca, meu jarreta
Não sejas jesuita... *meu lambão*!!!

GAMALHÃES.

Pápa?!

O *Manuelsinho*, que não era das moças, depois de perder o throno e a corôa ainda se entretem a papar hostias. Não tarda um minuto que não dê em *pápa*...

O' senhor João Franco dá-nos mais uma dictadurasinha da costa?

— Que o monarcha que fugiu
Foi p'rá Torre do Bugio.
—Que a *mamã* que é mettediça
Não descança de ouvir missa.
—Que os *thalassas* vis, tyrannos
São todos republicanos.
—Que não finda a chuchadeira
Dos projectos da bandeira.
—Que a Lisbia inteira até chora
Ao vêr o *Zé* cá de fóra.
—Que os *fulanos dos anzoes*
Dizem todos ser *iroes*.
—Que os bufos, vis animaes
São agora liberaes.
—Que as *irmãzinhas* donzellas
Tinham *paus* nas suas cellas.
—Que com descaro e desplante
Andavam no *estado int'ressante*..
—Que com fervor sobre-humano
Resavam a S. Caetano.
—Que o Correia *desleal*
Já não multa este jornal.
—Que o *Xuão*, grande sandeu,
Foi mesmo um ar que lhe deu.

Um correligionario

Adheriu á Republica Portugueza antes de ter morrido e depois de ter ressuscitado o o reverendissimo Lourenço de Mattos, que na outra vida tinha sido *thalassa*.

Festa Academica

Está sendo organisado por uma commissão de que faz parte o nosso amigo Eurico Zuzarte um sarau academico cujo producto reverterá a favor da subscripção para pagamento da nossa divida e que se realisará no theatro de S. Carlos.

Realisa-se no proximo domingo se o tempo o premittir, na praça do Campo Pequeno uma grandiosa corrida de touros, cujo producto liquido reverte a favor dos toureiros invalidos, João do Rio Sancho, Manuel Botas, João e Silvestre Calabaça.

Os pobres velhinhos — porque Silvestre Calabaça é bem um velho — vão ter a alegria de vêr que a *caridade* não é uma palavra vã e que pelo contrario é uma deusa bemfazeja e misericordiosa sempre prompta para defender os humildes, os pobres, os famintos, que tanto precisam do seu auxilio, do seu carinho e da sua affeição.

Os collegas n'um sublime exemplo de solidariedade prestarão da melhor vontade o seu concurso e auxiliarão os camaradas, que o infortunio e a desgraça perseguiu.

No domingo, publico e artistas unem-se no mesmo impulso de generosidade e de protecção, lançando as suas bençãos sobre as cabeças brancas como neve, puras como arminho, dos pobres e desamparados velhos.

Bemditos sejam todos!

A solidariedade, a honradez e o bem é que constituem as mais sublimes maximas da «religião» do seculo XX!

Lavadouro nacional

—Ai filha,— dizia uma mulhersita para a companheira que perto estava batendo roupa,—a revolução a mim, não me deixou pena nenhuma. Esta semana é a primeira vez que venho ao tanque.

—Pois eu, respondeu a outra, a minha pena, é de não ter pelo menos, uma revolução por semana.

—Não diga isso, credo!... Não vê como toda a gente anda sobresaltada?!...

—Vejo, vejo... e é exactamente isso que me convem.

—Porquê?

—Ora... porque! Porquê quanto mais se sobresaltam, quantos mais sustos apanham, mais roupa ha para lavar.

—Não é tanto assim! Olhe, cá a minha gente, os meus freguezes, alguns d'elles andaram mettidos na baralha, e a roupa é um brinquinho.

—Outro tanto já não digo eu. Tenho-me farto de lavar m...

—Olhe lá, ainda lava para áquella freguesa, casada com um creado do paço?

—Ainda.

—Ah!... Então conte-me d'essas!...

—O quê? Julga que esta roupa é do marido da tal?

—Pois?!...

—Nada *d'iscas!*... Tudo que aqui vê são ceroulas, olhe...

E começou a contar os pares:

—Um, dois, tres, quatro... ao todo são uns quinze pares e outras tantas camisas.

—Ai! Agora vejo pelo tamanho não são de homem feito!

—Não são d'elle, não; são do *pequeno.*

—Do pequeno? Qual pequeno?

—Do que fugiu.

—Coitado!... Agora é que se póde dizer, que *não tinha ceroulas a medir...* safa!!...

—Se lhe parece...

—E quem sabe o que ainda por lá irá. Mas diga-me: só tem roupa do *pequeno* para lavar?

—Ai, não!... Tambem tenho umas camisas de mulher que não estão nada limpas, mas *cheiram* a agua benta que fedem.

—Não ponha mais na carta. Pelo que me diz, da agua benta, e que... *fede,* já sei de quem são. São do padre Mattos.,.

—Não diga tolices!... Então não lhe disse que eram de mulher?

—Ah! .. é verdade...não reparei.

—O padre Mattos, não *fede*... antes pelo contrario...

—Então será do Nuncio? Esse deve *cheirar* a agua benta...

—Que *a nuncio* se refere? Ao do papa?

—Na *caixa* não vejo outro para *cheirar* a agua benta.

—Mas já lhe disse mil vezes, que são camisas de mulher, irra!!!...

A outra ficou a pensar um bocado, e de repente, batendo uma grande palmada na testa:

—Achei!

—Sim?!... Então diga lá!...

—São da *bacalho...eira*...

—O' tarita!...marque lá dois pontos!...

E começaram a rir estrondosamente.

Vae ser bom...

Então onde ficou a tesura do nosso amado «Xuãosinho»? Se elle começa a dizer que é «livaral» vae ser o bom e o bonito...

O Xuão na gaiola

Xuão, grande damnado, pois então,
Meu rijo «Chico Tezo», meu valente,
Deixaste-te prender, pobre innocente,
Tu que eras tão casmurro e fanfarrão?!

Dizias que eras tezo e valentão,
Querias p'ra Timor mandar a gente,
Cortando os jacobinos muito rente
E afinal tu é que foste p'rá prisão?!

Que fizeste, meu Fervilha, á valentia,
Onde foi que metteste essa tezura
Que o teu partido em ti ha muito via?!

Filhinho, impõe agora essa figura!
Vá lá defende a torpe monarchia!
Então tu já não fazes dictadura?!

VIU SE GREGO.

Pobre rapaz!

A infeliz creatura dos «adeantamentos» e da casmurrice disse na Boa-Hora que não fez mal a ninguem...

Isso sim! Mettam o dedinho na bocca áquelle innocente!...

Sabino Correia

Graças á arrojada empreza Sabino Correia & C.ª, Lisboa possue hoje o melhor salão animatographico do paiz.

Quem viu o antigo «Chiado Terrasse» e vê o moderno, fica maravilhado de tanto explendor, tal é o bom gosto e conforto que ali se encontram. Em homenagem ao denodado emprezario e nosso amigo Sabino Correia publicaremos n'um dos proximos numeros o seu retrato enviando-lhe ao mesmo tempo as nossas sinceras felicitações.

Quem escrevia esta secção com o pseudonymo *Secretario* passou á historia.

Com a Republica os logares inuteis foram escusados e o *Secretario* desandou para ignotas paragens.

Parece-nos que trabalha activamente na investigação scientifica do calcanhar aveludado da D. Augusta Cordeiro e na inspecção secreta á marcação do contador da agua que a gentil artista tem em casa.

Dizem que já descobriu que a machineta era um *maná* para a companhia, sem embargo da limpeza e asseio encantadoramente feminis da distincta actriz, o que ninguem contesta.

O *Secretario*, porém, quer vêr, cheirar e não sabemos se apalpar para saber a verdade.

Entretenha-se n'isso que nós temos mais que fazer.

Tendo de saber o que se passa para fazer a secção, vamos ao *D. Amelia*, perdão, ao

Theatro da Republica, que esta época, para honrar o novo nome, tem repertorio magnifico.

Da companhia fazem parte Augusto Rosa, Brazão, Ferreira da Silva, Angela Pinto, Emilia d'Oliveira, Chaby e outros artistas de cunho.

O nosso amigo visconde de S. Luiz de Braga (com licença de já não haver viscondes), esmerou-se na organisação da sua bella companhia.

E' um encanto!

Egualmente nos dizem que no

Nacional, ex-*tia Maria*, vae uma peça de truz, moralisadora e de these, intitulada «Perdidos nas trevas».

O nosso ex-*Secretario* teria evitado esse mal accendendo um phosphoro, apezar do seu «phosphoro» já não accender senão na caixa por ser «amorpho».

Pouca sorte!

Tomando informações soubemos que no

Apollo, antigo *Principe Real*, continua a afamada revista «Sol e sombra» que tem dado rios de dinheiro.

Variando de genero o

Gymnasio, superiormente dirigido pelo dr. Christiano de Sousa, bacharel em leis e em theatro, segue triumphante com a alta comedia e o drama, auxiliado pela grande actriz Lucinda Simões.

A companhia do actor Alves da Silva, um artista consciente e emprehendedor, representa actualmente na

Trindade o seu reportorio sem pretensões, mas agradando ao publico, que se não deixa levar por opiniões caprichosas.

Prepara se para receber a modesta companhia a

R. dos Condes, onde, na ausencia do Luz Junior que foi para o Brazil á cata de «louras» se exhibirá a sympatica companhia Alves da Silva.

Succedem se as enchentes no

Avenida com a «Viuva Alegre», desempenhada pela endiabrada Cremilda. Brevemente a «Princeza dos Dollars» em «reprise».

Está claro que para entreter as longas noutes de inverno temos aberto o

Colyseu dos Recreios com uma companhia de truz que se apaga a luz.

Os clowns Rico e Alex, Coco, Lewis e outros são impagaveis de graça.

Só não vae ao Colyseu quem não abicha onze vintens o que succede a muita gente boa.

Se o «ex-secretario» aqui estivesse não esqueceria de nos recomendar o

Salão Phantastico onde vae uma revista com o titulo «E' phantastico...» que tem pilhas de graça.

E' realmente phantastico que se consiga n'um meio tão pequeno escrever assim.

Parabens ao camaradinha Pedro Bandeira que é um *alho*.

Tendo *pegado* as revistas nos animatographos temos no

Salão Rocio, hoje **Salão Infantil**, a revista «A' espreita» desempenhada por creanças e no

Salão dos Anjos uma revista engraçada do famoso *Zé Coxo*, que se pinta para rabiscar cousas com graça.

Vamos á procura do *Secretario* corrido e se o encontrarmos veremos se conseguimos que elle trate d'isto para a semana.

Preferimos investigar que assiste á sr.ª D. Augusta Cordeiro no reclame, que cremos ser justo, feito pelo seu burilado artigo, que até fez esgadelhar-se todo um careca do nosso conhecimento.

Au revoir. OSCAR.

☘

O genuino

Sabem a final qual foi o verdadeiro *iróe* do movimento?

Foi o *Xuão* que conseguiu passar-se da Boa-Hora inteirinho que foi uma belleza...

☘

Sempre, sempre...

O sr. José Luciano de Castro enviou uma carta ao presidente do governo declarando que foi sempre republicano mais a sua D. Emilia e o gatinho, que trazia ha muito tempo... colleira encarnada.

PALAVRA DE RAINHA, ELLA AHI ESTA